

O Avô, o Aluno e a Professora

Nathália Lima Ferraz

Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro, Brasil
nferraz@id.uff.br

Era uma tarde chuvosa de terça-feira no Instituto de Ensino São Tarcísio — daquelas em que o barulho da água nas calhas parece acompanhar o peso nos ombros. A professora, ainda em formação e no seu primeiro ano de sala, tentava equilibrar mais do que cadernos sobre a mesa: sua cabeça girava entre os prazos impostos pela coordenação da escola, as provas e trabalhos da faculdade, e a preocupação silenciosa com a saúde do avô, internado desde o fim de semana. A turma do 4º ano, já conhecida pelos corredores como “a mais agitada”, fazia jus à fama: risos altos, cadeiras que deslizavam sozinhas e um coro de vozes que ignorava qualquer apelo por silêncio. Mesmo assim, ela sabia — e sentia — que por trás daquele redemoinho havia um grupo de crianças afetuosas, inquietas por natureza, mas cheias de brilho nos olhos. O plano era uma aula de multiplicação, escrita no quadro com precisão e sem espaço para desvios, como pedia a coordenação. Mas quando um aluno tirou do estojo um pequeno dominó e começou a organizar as peças na carteira, ela hesitou. Pela primeira vez, não impediu. E foi justamente ali, no imprevisto, que a matemática — e ela mesma — encontraram um novo ponto de partida.

Ela se aproximou devagar da carteira do menino — Diego, o nome dele — que empilhava as peças com uma seriedade rara. “Tô vendo aqui, professora, se dá pra jogar sem deixar ninguém com a peça seis-seis. Esse é o terror lá em casa!”, disse ele, com um sorriso malandro. Três colegas se aproximaram e logo o círculo se formou. A professora olhou em volta: metade da turma já estava envolvida na partida, a outra metade prestes a se juntar. Respirou fundo, ouviu o trovão ao longe e, pela primeira vez naquele dia, tomou uma decisão por si mesma.

— Pessoal... e se a gente usasse esse jogo pra aprender matemática?

Ouviu-se um “sério?” desconfiado, mas curioso. Ela pediu a Diego para explicar as regras do dominó. Ele falou com orgulho, do jeito que aprendeu com o pai, que jogava nas tardes de domingo com os vizinhos. Contou que existiam peças com somas maiores, que o objetivo era pensar bem antes de jogar e que “quem fica com peça pesada no final, perde feio”.

Foi quando ela percebeu: estavam ali somas, contagens, comparações, lógica, estratégia — e mais ainda, **saberes que vinham de casa, da rua, da vida**.

A turma se espalhou pelo chão de madeira encerada da sala, formando pequenos círculos de jogadores. Os mais atentos organizavam as peças por números; outros inventavam regras novas — “vale repetir?”, “se empatar, soma os pontos!” — e logo um debate matemático se formou, espontâneo. Ela andava entre os grupos, ouvia, anotava, perguntava. Sentiu-se, pela primeira vez, menos instrutora e mais investigadora.

Logo começaram as primeiras rodadas. A professora percebeu como os alunos naturalmente estimavam as possibilidades futuras com base nas peças que já tinham saído. Discutiam probabilidades, mesmo sem saber o nome disso.

— “Se já saiu três trincas, a próxima não tem como ser quatro-quatro” — disse Camila, calculando com os dedos.

Em outro grupo, os alunos anotavam a soma dos pontos de quem perdia, como critério de pontuação inversa. A ideia partira de João, que disse que seu tio joga assim no bar da esquina. Criaram até uma “tabela dos azarados”, com os nomes dos que mais perdiam peças pesadas. A cada fim de partida, surgia uma discussão sobre a jogada “mais inteligente”, a peça “mais perigosa”, ou a melhor forma de “enganar” o adversário — tudo com risos, disputas saudáveis e olhos atentos.

Foi então que, ao ouvir Diego explicar animado como fazia para não ficar com “pedra presa”, uma lembrança antiga emergiu como um raio: ela mesma, com sete anos, sentada no chão da casa do avô, o velho Edson — o “Cafezinho”, como era conhecido pelos amigos e vizinhos — que lhe ensinava a contar os pontinhos do dominó.

— “Sempre veja o que tem nas mãos, menina. Se ficar só com número repetido, vai travar no fim”, dizia ele, com o jeito sereno de quem ensinava sem impor.

Ela se viu ali de novo, no chão da cozinha, com as mãos pequenas segurando as peças gastas de madeira e os olhos atentos ao avô — aquele mesmo avô agora frágil, hospitalizado, mas ainda tão vivo naquela memória. Sorriu com os olhos marejados. Aquela tarde de terça-feira chuvosa tinha virado um espelho: o menino de hoje era o reflexo da menina de ontem, e o saber de *Cafezinho* — tantas vezes ignorado pela escola — ganhava vida em pleno Instituto de Ensino São Tarcísio.

Inspirada, ela propôs um novo desafio: cada grupo deveria anotar o total de pontos por rodada e criar uma tabela com os resultados. Em vez de protestos, ouviu empolgação. Um aluno sugeriu fazer “tipo um campeonato”. Outro pediu para usar o quadro. E ali estavam eles, debatendo estratégias, discutindo hipóteses, resolvendo conflitos — tudo sem que ela precisasse mandar abrir o livro.

Ao fundo, o som da chuva dava lugar a um silêncio raro: o silêncio da concentração.

Um momento ficou gravado: enquanto ajudava um grupo a interpretar os números, Diego, o mesmo que iniciara tudo, olhou pra ela e disse:

— Professora, hoje foi legal. Parece que a senhora deixou a gente jogar, mas foi aula mesmo, né?

Ela engoliu em seco. Foi aula, sim. E foi mais: foi escuta, foi acolhimento, foi reencontro com algo que ela nem sabia que precisava lembrar.

Ao final da aula, já com as mochilas nos ombros e os olhos cansados, os alunos ainda queriam mais uma rodada. “Semana que vem tem de novo, né professora?”, perguntou uma aluna que raramente participava das aulas. Ela sorriu, sem saber bem se a pergunta era um pedido ou um elogio.

Mais tarde, na sala dos professores, enquanto anotava no diário a descrição formal da atividade — “exploração de padrões e contagem por meio de material manipulável” —, seu pensamento voltou à cozinha da infância. Lá estava ele: seu Edson, o avô, o *Cafezinho*, cercado de amigos na calçada, rindo alto, sempre com uma peça de dominó na mão e uma

dica pronta para dar. Um verdadeiro estrategista, mestre das somas e dos blefes, que jamais precisou de quadro ou giz para ensinar.

Aquela terça-feira, que começou com cansaço, cobrança e medo de errar, terminava com outra sensação: a de que ela não estava sozinha nessa caminhada. Que dentro dela havia saberes herdados, memórias vivas, raízes que também podiam florescer em sala. E que, mesmo sem autorização formal da coordenação, ela tinha dado aula, sim — uma aula inteira, cheia de sentido.

Enquanto a chuva cessava lá fora e os pensamentos voltavam ao avô no hospital, sentiu-se, por um instante, menos impotente. Porque naquela tarde de terça-feira, que começou com cansaço, cobrança e medo de errar, ela reencontrou Cafezinho, reencontrou a si mesma — e compreendeu que a Etnomatemática não é uma técnica ou um método, mas um encontro entre mundos: o da casa, o da rua, o da escola. Um espaço de travessia onde memórias, culturas e conhecimentos se reconhecem, se escutam e se reinventam.

O Avô, o Aluno e a Professora

The Grandfather, the Student and the Teacher

El Abuelo, el Alumno y la Profesora

Resumo

Em uma tarde chuvosa, uma professora em início de carreira se depara com um imprevisto em sala: alunos jogando dominó. Ao invés de repreendê-los, ela transforma o momento em uma aula rica de significados, onde saberes populares, estratégias matemáticas e memórias afetivas se entrelaçam. Entre jogadas e sorrisos, revive lembranças de seu avô, conhecido como Cafezinho, exímio jogador. A crônica revela como a Etnomatemática pode emergir espontaneamente, ressignificando o ensino e resgatando raízes pessoais e culturais.

Palavras-chave: Etnomatemática. Ensino fundamental. Jogos. Dominó. Saberes populares.

Abstract

On a rainy afternoon, a novice teacher encounters her students playing dominoes during class. Rather than scolding them, she turns the moment into a meaningful lesson, where cultural knowledge, mathematical reasoning, and personal memories intertwine. Between plays and laughter, she recalls her grandfather Cafezinho, a skilled domino player. The chronicle shows how Ethnomathematics can arise spontaneously, reframing teaching and reconnecting educators with their personal and cultural roots.

Keywords: Ethnomathematics. Elementary education. Games. Dominoes. Cultural knowledge.

Resumen

En una tarde lluviosa, una maestra principiante encuentra a sus alumnos jugando dominó en clase. En lugar de reprenderlos, transforma el momento en una lección llena de sentido, donde se entrelazan saberes populares, razonamientos matemáticos y recuerdos afectivos. Entre jugadas y risas, revive la memoria de su abuelo Cafezinho, un hábil jugador. La crónica muestra cómo la Etnomatemática puede surgir de forma espontánea, resignificando la enseñanza y reconectando con raíces personales y culturales.

Palabras clave: Etnomatemática. Educación primaria. Juegos. Dominó. Saberes culturales.